

Estratégias de Negação do Brasileiro na Crônica Nacional: Uma Contribuição para o Ensino de Português para Estrangeiros

Saying “No”: Brazilian Strategies as Observed in National Chronicles - A Contribution to the Teaching of Portuguese for Foreigners

Thais de Freitas Mondini Belletti

Universidade de Hebei - China

thaisbelletti@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3688-8470>

Resumo: Este trabalho situa-se no estudo sobre aspectos interacionais do português brasileiro e tem como objetivo analisar a interação linguístico-social no ato de negar. Tal ato em uma situação interacional no contexto brasileiro mostra-se, por vezes, desafiador. O uso do “não” em uma certa cultura pode ser visto como uma simples ação de negar algo. No Brasil, no entanto, um ato de negação pode caracterizar uma ameaça à face do outro, podendo comprometer a ação comunicativa dos participantes. A base teórica deste estudo concentrou-se nos conceitos da Sociolinguística Interacional e da Antropologia Social. As reflexões elencadas, nesse trabalho, apontam que a identidade do brasileiro é construída a partir da relação com o outro. Na sociedade brasileira, o *self* é constituído de forma interdependente (MARKUS e KITAYAMA, 1991), e, por isso, misturamos o espaço da rua e o espaço da casa (DAMATTA, 2004). De acordo com essa perspectiva, a partir da análise de duas crônicas brasileiras, vimos que, no ato de negar, o brasileiro lança mão de inúmeras estratégias para salvar a sua própria face e a face de seu interlocutor. Devido à sua relevância pragmática e didática, ao abordarmos o tema referente às estratégias usadas pelo brasileiro na construção de um ato de negar, acreditamos contribuir para o ensino do português do Brasil como língua não materna.

Palavras-chaves: Interação; Língua/cultura, Português para estrangeiros; Negação.

Abstract: *This work is grounded in the studies of interactional aspects of Brazilian Portuguese and it aims to analyze the social-linguistic aspects of the act of saying “no”. In the Brazilian social context, the act of saying “no” can be, at times, challenging. The word “no” in certain cultures may be viewed as a simple act of denial. In Brazil, however, the same act may be perceived as a threat to the face of others, which could compromise the communicative act of the participants in conversation. The theoretical premises used in this work are grounded in concepts drawn by Interactional Sociolinguistics and Social Anthropology. The reflections listed throughout this work conclude that the construction of Brazilian identity is based on the relation with others. In Brazilian society, the self is built codependently (MARKUS and KITAYAMA, 2004) and, because of that, the space of the “rua” (street) and the space of the “casa” (home) is intertwined (DAMATTA, 2004). Based on these terms, through the analysis of two Brazilian chronicles, we can state that Brazilians tend to use various strategies to save face not only for themselves but also for their interlocutor. The approach of the theme regarding the strategies used by Brazilians in the construction of the act of saying “no”, we can say that we are contributing to the teaching of Brazilian Portuguese as a foreign and second language, due to its pragmatics relevance.*

Keywords: *Interaction; Language/culture; Portuguese for foreigners; Denial.*

Introdução

Esse trabalho tem como fundamentação teórica a Sociolinguística Interacional e a Antropologia Social. Empregam-se diferentes correntes teóricas, devido ao caráter interdisciplinar presente na análise dos aspectos linguísticos e culturais dos atos de negar do brasileiro.

A partir da noção de competência social, delineada por Hymes (1972), entende-se que somente o aprendizado das formas linguísticas de uma língua não garante ao aprendiz a competência comunicativa. Nesse caso, noções como adequação e contexto sociocultural passam a ser considerados relevantes no âmbito do ensino de línguas. Depreende-se, portanto, que a cultura não deve ser abordada como uma mera informação transmitida pela língua, vista como independente. Se, ao contrário, entendemos a língua como uma prática social, a cultura passa a ser parte essencial do processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Sociolinguística Interacional

Os estudos baseados na Sociolinguística Interacional buscam analisar a organização do discurso e da interação do encontro face a face entre os participantes de uma conversa. Os sociolinguistas interpretativos procuram responder à pergunta: o que está acontecendo aqui e agora nesta situação de uso da linguagem? Eles propõem que os pequenos momentos da interação funcionam como cenários de construção do significado social, que são passíveis de uma análise sociológica e linguística.

Noção de face

Este conceito foi primeiro apresentado no campo da sociologia, por Erving Goffman, em seus estudos sob o contato social. Para ele, na condição de participantes de uma interação social, estamos a todo momento introduzindo ou sustentando mensagens que organizam o encontro social, mensagens essas que orientam a conduta dos participantes. O autor concluiu que todos os participantes em encontros sociais tendem a agir de acordo com uma linha de ação, que é constituída por aspectos verbais e não verbais que lhes permitem avaliar as suas próprias ações e também as dos outros participantes. Em seu artigo *On Face-Work*, Goffman (1967, p.5) definiu o conceito de face:

O termo face pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente exige para si, através da linha que os outros presumem que tomou para si durante um dado contacto. A face é uma imagem do próprio delineada em termos de atributos sociais aprovados.

O conceito de face, assim, pode ser entendido como uma autoimagem que vai se construindo

dentro da interação, com base nas pistas dadas pelos outros participantes. Segundo essa perspectiva, o *self* tem aspecto dinâmico e não estático. Para Goffman (1967), somos todos atores sociais, em um grande teatro, onde agimos calculadamente; usamos diferentes discursos em diferentes situações. A face, assim, resulta da interação social, e, dessa forma, está atrelada à comunidade a que o indivíduo pertence.

Para Markus & Kitayama (1991), o *self* também é conceituado a partir de um ponto de vista social, podendo ser definido como uma construção social, modelado e conceitualmente representado em múltiplos caminhos. Dessa forma, a partir de uma concepção de categoria social, a construção do *self* vai variar de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura. Em uma sociedade, cujos valores estão atrelados mais ao individualismo, há uma tendência de construção de um *self* independente, organizado de acordo com suas próprias ideias, sentimentos e ações. Já em uma cultura de caráter coletivista, há a tendência de construção de um *self* interdependente, que leva em consideração os pensamentos, os sentimentos e as ações do outro.

As noções de face e de *self* vão colaborar para os estudos linguísticos atrelados às análises interacionais da língua. Apesar de tais noções serem apresentadas como universais, as suas manifestações vão variar em culturas diferentes. Assim, em uma sociedade coletivista, como é o caso do Brasil¹⁷, onde o *self* é construído de maneira interdependente, as escolhas discursivas vão tender para a indiretividade, numa busca constante de preservação da face do outro. Nesse contexto, nos atos de negar, as escolhas linguísticas apresentam-se mais de forma sinuosa, poucas vezes diretiva.

Estratégias de polidez

Brown e Levinson (1987) buscaram teorizar as estratégias de polidez usadas na interação social. Para os autores, temos a polidez como estratégia de preservar as faces, tanto do falante quanto do interlocutor. Essa face é constituída por dois componentes intimamente relacionados: uma face positiva e uma face negativa. Por um lado, a face positiva está ligada a como o indivíduo quer ser visto pelos interactantes; inclui o desejo de aprovação e apreciação por parte dos membros da

¹⁷De acordo com a teoria de dimensões culturais de Hofstede (2011) existem culturas que apresentam um caráter mais individualista ou mais coletivista. A dimensão da qual o autor nomeou de Individualismo versus Coletivismo (IDV) diz respeito ao nível de integração que um indivíduo tem em relação aos grupos de uma sociedade e a forma pela qual o indivíduo constrói sua identidade. Nesse caso, entende-se que o *self* é construído dependentemente ou interdependentemente. De acordo com a pesquisa de Hofstede (2011), o Brasil apresentou um resultado que o caracteriza como um país mais coletivista do que individualista. Mais informações a respeito das dimensões de Hofstede estão disponíveis em <<http://geert-hofstede.com>>.

sociedade. Por outro lado, a face negativa está atrelada ao desejo do indivíduo de preservar sua individualidade, de não ser submetido a imposições alheias.

Nos estudos de Brown e Levinson (1987), verificamos exemplos de estratégias de polidez para que as faces dos participantes não sejam ameaçadas. Os autores postulam que o indivíduo lança mão de polidez positiva ou negativa para salvar, por sua vez, a face positiva ou negativa do outro. Dentre os exemplos de polidez positiva apontados pelos autores, podemos citar: exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro, procure acordo, ofereça, prometa, inclua o ouvinte na atividade, simule ou explicita reciprocidade. Dentre os exemplos de polidez negativa, podemos citar: seja convencionalmente indireto, minimize a imposição, peça desculpas, vá diretamente como se estivesse assumindo o débito.

O trabalho de faces mostra-se um processo de cooperação e de solidariedade pelo qual os participantes de uma interação passam. Para que a cooperação aconteça, é preciso que uma determinada cultura compartilhe certos mecanismos linguísticos discursivos na interação. Nesse caso, podemos perceber que cada cultura, cada povo lança mão de diferentes estratégias linguístico-discursivas no intuito de preservar a face do outro. Como a polidez é usada para a preservação da face, verificamos que cada sociedade tem uma forma particular de ser polida.

Certamente, a polidez está atrelada à linguagem, e, assim, cada sociedade constrói culturalmente seus atos de ameaça à face. Brown e Levinson (1987) indicam que os interlocutores, ao se engajarem numa conversa, automaticamente se deparam com um desequilíbrio entre as faces. Sendo conscientes dessa vulnerabilidade, os participantes cooperam entre si em um movimento de preservação mútua das faces. Podemos verificar que são vários os atos de ameaça à face, dentre eles: pedidos, críticas, sugestões, etc. No português do Brasil, o ato de negar pode significar séria ameaça à face do outro, dependendo da forma como é realizado. É preciso, assim, que várias situações interacionais sejam abordadas na sala de aula, para que o estrangeiro, aluno de português, possa fazer escolhas linguísticas adequadas na ação comunicativa. Para isso, é fundamental que o aluno conheça as regras sociais que regem a sociedade brasileira, e entender quando as estratégias de polidez (negativa ou positiva) devem ser usadas.

Estratégias de mitigação

De acordo com Fraser (1980), as estratégias de mitigação são usadas para atenuar o efeito negativo que uma sentença provoca no ouvinte. Segundo o autor, a mitigação envolve técnicas de

indiretividade, que pressupõe distanciamento e funcionam como prefácio. Em relação às estratégias de mitigação, Pereira (2006) postula que o aumento da força ilocucionária se dá para suavizar ou reduzir a intensidade de um ato de fala cujos efeitos seriam indesejáveis ao ouvinte; ela contribui para a manutenção da relação entre o falante e o ouvinte. As estratégias de mitigação aumentam a solidariedade na ação comunicativa, pois levam em consideração a posição do outro na interação. Nos atos de negação, tais estratégias são importantes, pois, como já mencionamos nesse trabalho, tais atos podem significar grande ameaça à face do outro. Os elementos mitigadores nos atos de negar em contexto brasileiro podem se realizar através de um pedido de desculpas, de estruturas reparadoras, de falas modalizadas e indiretas.

Antropologia Social

A cultura representa um papel fundamental para a análise dos aspectos interacionais de uma língua. O estudo de um idioma estrangeiro pressupõe o estudo dos aspectos sociais de uma sociedade. Isso inclui o estudo dos hábitos e costumes de um povo junto aos aspectos linguísticos formais de sua língua.

Hall e Hall (1990) analisam dois aspectos diferentes no conceito de cultura: a cultura de alto contexto e a cultura de baixo contexto. Na cultura de baixo contexto, a decodificação da mensagem se dá, na maior parte das vezes, através do código em si. Já na cultura de alto contexto, muito do que se quer dizer está nas entrelinhas; é preciso levar em consideração o entorno, as circunstâncias em que aquela mensagem está sendo produzida. A cultura brasileira é vista como uma cultura de alto contexto, pois os elementos linguísticos escolhidos pelos falantes brasileiros vão depender muito do contexto e dos participantes da interação. Podemos dizer que os brasileiros evitam entrar em choque com seu interlocutor, preferindo, assim, atos indiretos na conversa. Nesse contexto, observa-se que o brasileiro tem dificuldade de lidar com atos de fala despreferidos, como um ato de negação, de maneira impositiva e direta, pois prefere não confrontar seu interlocutor.

Casa e rua

E por que somos tão sinuosos, indiretos, podendo parecer, ao olhar estrangeiro, até mesmo desonestos, pela falta de clareza e objetividade?

Podemos dizer que os brasileiros procuram estender as relações pessoais, de parentesco e amizade, com toda a sua carga de afetividade, para os outros tipos de relações.

Essa proposição advém de dois conceitos que se misturam na sociedade brasileira: a casa e a rua, de DaMatta (2004). Por um lado, no espaço da casa, encontramos uma forte presença da moralidade, onde devem reinar a harmonia e a afetividade entre as pessoas; há maior intimidade e uma menor distância social. Por outro lado, o espaço da rua implica um lugar distante, de luta; é o espaço da pobreza e da exploração.

Segundo essa perspectiva, Albuquerque (2003, p. 48) pontua que há um transbordamento de um espaço para outro:

Estas duas entidades morais apontadas por DaMatta como categorias sociológicas representam mundos complementares e compensatórios, implicam oposições e também gradações. A rua pode ser vista e manipulada como se fosse um prolongamento ou parte da casa, enquanto os espaços de uma casa podem ser percebidos, em determinadas situações, como no carnaval e no futebol, como parte da rua (...) Nesse sentido, a sociedade brasileira está inserida em uma cultura que parece compatibilizar os antagonismos, no sentido de buscar com a mistura, com a força mediadora, o equilíbrio que transforma dilemas em ajustes.

Como vimos nesse trabalho, há sociedades que se constituem a partir de uma concepção individualista, onde o que o importa é o particular; o *self*, assim, é construído independentemente. Em sociedades, como a brasileira, as identidades são constituídas de maneira interdependente. Há a mistura entre o público e o privado, entre a casa e a rua. Essa posição mediadora entre os diferentes espaços está presente nas estratégias discursivas no ato de negar do brasileiro, que busca uma ação conciliadora na ação comunicativa.

O jeitinho brasileiro

Segundo DaMatta (2004), o brasileiro tem um modo particular de lidar com as normas e com as leis, pois estas são vistas como exploratórias e injustas. Por esse motivo, o brasileiro usa um estilo de navegação social que passa sempre pelas entrelinhas. O autor (2004, p.48) comenta:

Assim, entre o “pode” e o “não pode”, escolhemos, de modo chocantemente antilógico, mas singularmente brasileiro, os “mais ou menos” e as zonas intermediárias, onde a lei tem furos e inventamos os “jeitinhos”(…) Nesse sentido, o “jeitinho” é um modo simpático, muitas vezes desesperado e quase sempre humano, de relacionar o impessoal com o pessoal, propondo juntar um objetivo pessoal com um obstáculo impessoal. O “jeito” é um modo pacífico e socialmente legítimo de resolver tais problemas.

De acordo com essa perspectiva, o brasileiro tenta driblar as normas e usa o jeitinho para não questioná-las. Em um ato de negar, o brasileiro procura usar estratégias que não signifiquem um possível conflito.

Albuquerque (2003, p.53) amplia o conceito de jeitinho no que concerne às estratégias

discursivas utilizadas pelos interactantes em um dado contexto:

Visto de um ponto de vista discursivo, o jeitinho será sempre utilizado quando se pretende manter a harmonia discursiva em uma situação em que se pode esperar um mal-estar discursivo. Para que uma estratégia que pretenda evitar conflitos possa ser percebida como tal, é preciso que os interactantes compartilhem do mesmo universo discursivo e que haja, nesse sentido, o que podemos chamar de cumplicidade discursiva. O domínio das regras estabelecidas pela competência discursiva dos interlocutores deve interagir com o conjunto de regras estabelecidas culturalmente.

Certamente, um interactante estrangeiro não compartilha o mesmo universo discursivo do falante nativo brasileiro. Para que o aluno estrangeiro seja capaz de adquirir competência comunicativa, faz-se necessário o estudo dos elementos discursivos presentes numa interação em contexto brasileiro. Isso implica o estudo de aspectos culturais presentes no uso da língua portuguesa no Brasil.

A Crônica

A abordagem comunicativa no âmbito do ensino de línguas inspirou e continua inspirando educadores a buscarem materiais considerados autênticos, retirados do contexto cultural nativo da língua-alvo. Desse modo, artigos de jornais, revistas, cardápios, brochuras, vídeos da internet, etc., passam a fazer parte fundamental da preparação de programas de aula e de materiais didáticos.

Apesar de haver certa resistência ao uso do texto literário em sala de aula de língua estrangeira, entendemos que tal texto se apresenta como um veículo adequado para a prática de sala de aula, pois, conforme Kramsch (1993) registra, ele configura-se como um meio de acesso ao conhecimento dos valores, atitudes, crenças e referências históricas que compõem a memória de um grupo. Nesse caso, “literatura e cultura são inseparáveis” (KRAMSCH, 1993, p.175).

Sob essa ótica, entendemos que a crônica se configura como um meio específico de construção de significados no contexto brasileiro, pois é um gênero literário que no Brasil encontra posturas e feições realmente próprias. Segundo Werneck (2005) a crônica, em quase todos os países, é um gênero extinto, mas no Brasil é uma espécie em sempre crescente proliferação, podendo ser considerada um gênero tipicamente brasileiro. Segundo Portella (2014, p.110), a crônica é uma linguagem diferenciada, “com raro poder de fascinação”. A partir do coloquialismo com o qual se constrói tal gênero, cria-se um diálogo próximo entre o cronista e o leitor, de maneira que o caráter informal junta-se aos elementos poéticos. Talvez seja por essa linguagem alheia a formalidades, que

a crônica encontrou campo fértil no contexto brasileiro.

Podemos analisar, assim, a crônica como representação sociocultural brasileira, pois apresenta aspectos da vida real, comuns a todos que compartilham as interações comunicativas no Brasil. Dessa forma, tal gênero literário, apresenta-se como uma ferramenta valiosa no ensino dos aspectos culturais e linguísticos do português do Brasil.

Análise das Crônicas

Escritas por Luis Fernando Veríssimo, as crônicas “Grande Edgar” e “Sebo”, *corpora* dessa análise, apresentam situações de interação entre participantes de uma conversa face a face. De acordo com os pressupostos teóricos abordados neste trabalho, procuramos mapear os elementos sócio-linguísticos envolvidos na situação de uso da linguagem presentes nos textos.

Já na primeira linha da crônica “Grande Edgar”, o autor dialoga com seu leitor ao assinalar “*Já deve ter acontecido com você*”, aproximando o leitor do contexto situacional do texto. Certamente, o ato de esquecimento de alguém (ou de seu nome) pode ser considerado uma situação recorrente nas interações sociais. Veríssimo assim prossegue a crônica:

— *Não está se lembrando de mim?*
Você não está se lembrando dele. Procura, freneticamente, em todas as fichas armazenadas na memória o rosto dele e o nome correspondente, e não encontra. E não há tempo para procurar no arquivo desativado. Ele está ali, na sua frente, sorrindo, os olhos iluminados, antecipando sua resposta. Lembra ou não lembra?
Neste ponto, você tem uma escolha. Há três caminhos a seguir.
Um, curto, grosso e sincero.
— *Não.*

Goffman (1967) postula que, em um encontro social, os participantes sustentam mensagens que organizam a interação e orientam a conduta dos participantes. Nesse caso, o autor apresenta três possibilidades de mensagem para organização da interação. A primeira refere-se ao simples “não”. No entanto, percebemos que a ação de dizer um curto *não* representa um ato rude, apesar de honesto, em contextos interacionais no Brasil. Observamos que a escolha do item lexical “não” para negar algo pode significar um ato de ameaça à face. Sendo o simples “não” considerado grosseiro, em contexto interacional brasileiro, faz-se necessário o uso de estratégias para se evitar um efeito indesejado na ação comunicativa.

No caso da organização da interação, outro ato considerado impolido é o fato de se perguntar “*não está se lembrando de mim?*”. Observamos isso no trecho:

O "Não" seco pode até insinuar uma reprimenda à pergunta. Não se faz uma pergunta assim, potencialmente embaraçosa, a ninguém, meu caro. Pelo menos entre pessoas educadas. Você deveria ter vergonha.

Essa pergunta pode significar uma ameaça à face negativa do interactante, pois este estaria sendo submetido a uma imposição de resposta que lhe causa constrangimento. Entendemos a preservação de face com um processo de cooperação e solidariedade em uma interação. Na medida em que o participante de uma conversa ameaça a face do outro, a cooperação não é alcançada.

No caso de uma potencial ameaça à face (como é o caso do esquecimento de alguém), para que haja preservação desta, faz-se necessário a estratégia da polidez no intuito de se atenuar o constrangimento. Assim, o autor lança mão de um segundo caminho para a situação em questão:

*Outro caminho, menos honesto mas igualmente razoável, é o da dissimulação. — Não me diga. Você é o... o...
"Não me diga", no caso, quer dizer "Me diga, me diga". Você conta com a piedade dele e sabe que cedo ou tarde ele se identificará, para acabar com sua agonia.*

Nota-se que, apesar de “menos honesto” o caminho da dissimulação mostra-se legítimo na interação no Brasil. Ora, entre o rude “não” e o “sim” (nesse caso, a afirmação de que conhece a pessoa), o brasileiro pode escolher a zona intermediária, usando o “jeitinho” para tentar resolver o problema comunicativo. Segundo Goffman (1967), em uma interação face a face, estamos a todo momento avaliando as nossas ações e as ações do outro, buscando construir a nossa autoimagem. Na interação em questão, a estratégia de dissimulação é usada como uma pista linguística lançada ao outro participante, para que ele, assim, possa cooperar no encontro comunicativo.

De acordo com Brown e Levinson (1987), há um desequilíbrio entre faces toda vez que nos engajamos em uma conversa. Nesse caso, para que haja o equilíbrio, é necessário os participantes estarem familiarizados com os aspectos sócio-interativos de uma dada comunidade. Em uma situação de negação em contexto brasileiro, os interactantes podem escolher usar estratégias de mitigação com o intuito de atenuar o mal-estar discursivo. No texto, observamos esse tipo de estratégia:

*— Desculpe, deve ser a velhice, mas...
Este também é um apelo à piedade. Significa "não tortura um pobre desmemoriado, diga logo quem você é!". É uma maneira simpática de você dizer que não tem a menor ideia de quem ele é, mas que isso não se deve a insignificância dele e sim a uma deficiência de neurônios sua.*

Os elementos mitigadores podem ser usados para suavizar uma ação comunicativa considerada ameaçadora. No exemplo analisado, observamos uso de estrutura reparadora “desculpe”

e “deve ser a velhice” para reduzir a intensidade do ato de negação. Também podemos apontar a estratégia de polidez negativa quando a personagem assume o débito, por não se lembrar do outro participante; o problema é a “deficiência de neurônios sua”. Os elementos mitigadores e a estratégia de polidez, assim, aumentam a solidariedade na ação comunicativa, pois levam-se em consideração os sentimentos do interactante.

Podemos dizer que o Brasil representa uma cultura de alto contexto, e, dessa forma, os participantes de uma conversa precisam estar atentos às pistas discursivas lançadas pelos integrantes da ação comunicativa. A relação com o outro, no contexto brasileiro, é muito importante para interação social. De acordo com essa concepção, postulamos que o *self* é construído interdependentemente nas interações sociais brasileiras. No texto analisado, a personagem escolhe a estratégia de “fingir” que se lembra do outro, e explica o porquê:

— *Claro que estou me lembrando de você!
Você não quer magoá-lo, é isso! Há provas estatísticas de que o desejo de não magoar os outros
está na origem da maioria dos desastres sociais, mas você não quer que ele pense que passou pela
sua vida sem deixar um vestígio sequer.*

Vimos que os sentimentos e as reações do outro, em uma ação comunicativa, representam um aspecto fundamental da interação social no Brasil. Nesse caso, a personagem tem o desejo de não magoar o outro, e, por isso, busca transformar um dilema em ajuste. Para a personagem, o outro participante da conversa é um completo desconhecido. No entanto, a personagem se coloca em uma posição mediadora, buscando conciliar o espaço das relações afetivas (a casa) e o espaço das relações estranhas (a rua). Ora, sendo o outro um estranho, poderíamos pensar que a personagem não teria a necessidade de levar em consideração seus sentimentos. O brasileiro, entretanto, estende as relações afetivas para outros tipos de relações, misturando o espaço da casa e o espaço da rua, na busca por uma ação conciliadora na ação comunicativa.

Na crônica “Sebo”, verificamos situação similar de uso de estratégia discursiva para se dizer “não”. Na interação face a face, o narrador afirma ter lido um livro do outro participante da conversa, mas, no decorrer da crônica, entendemos que isso não é verdade. Assim o autor descreve a interação:

- *Você leu meu livro? - ele perguntou.*
- *Li!*
Essa terrível necessidade de não magoar os outros. Principalmente os autores novos.
- *Não leu - disse ele.*
- *Li. Li!*
Essa obscena compulsão de ser amado.
- *Leu todo?*

- *Todo.*
- Ele ainda me olhava, desconfiado. Elaborei:*
- *Aliás, peguei e não larguei mais até chegar ao fim.*
- Ele ficou em silêncio. Elaborei mais:*
- *Depois li de novo.*
- Ele nada. Exclamei:*
- *Uma beleza!*

Observamos mais uma vez a formação do *self* interdependente no contexto interacional. É na relação com o outro que o brasileiro constrói sua autoimagem, baseando-se nas pistas discursivas dadas por outros participantes da conversa. O narrador busca uma ação conciliadora na ação comunicativa, baseando-se nas reações do outro. Para isso, a personagem busca estratégias para se evitar o conflito e lança mão da polidez positiva, ao exagerar seu interesse pelo outro. Ele faz um esforço para preservar a face positiva do interactante, assim como a sua própria face, pois procura manter uma imagem favorável perante o outro.

Novamente, percebemos que o ato de negar, no Brasil, configura-se uma ação comunicativa que pode apresentar um mal-estar discursivo na interação. É necessário, assim, que os interactantes dominem o universo linguístico do contexto interacional, para que o efeito negativo seja atenuado.

Considerações Finais

Esse trabalho buscou analisar alguns aspectos interacionais dos atos de negar no contexto brasileiro. Com base nos pressupostos teóricos apresentados, analisamos as crônicas “Grande Edgar” e “Sebo” de Luis Fernando Verissimo. Conhecido como “fábrica de fazer humor”, Verissimo apresenta-se como um narrador preciso das situações cotidianas da vida. Pudemos nos colocar no lugar de seus personagens e identificar situações comuns aos falantes de português no Brasil.

De acordo com a análise, identificamos que, no ato de negar, o brasileiro usa de estratégias linguístico-discursivas no intuito de manter a cooperação entre os participantes da conversa. Nesse contexto, o uso do item lexical “não” pode significar um ato de fala grosseiro por parte dos interactantes. É preciso, assim, o uso de outros elementos linguísticos para suavizar ou reduzir a intensidade desse ato de fala, cujos efeitos são indesejáveis. Tais elementos podem estar presentes em estratégias de polidez e de mitigação, abordados nesse trabalho. Essas estratégias são usadas na busca de preservação de faces, tanto a da própria pessoa como a do outro na conversa.

Observamos que, na interação, os atores agem calculadamente para que a cooperação e a solidariedade prevaleçam. Depreende-se, assim, que, no Brasil, a identidade é construída a partir da relação com o outro, e, por isso, podemos dizer que o *self* se configura como interdependente. Em um



ato de negação, o brasileiro é indiretivo, pois esta é a maneira pela qual ele busca não ameaçar a face do outro e, conseqüentemente, não ameaçar a sua própria. Tal consideração não se restringe às relações pessoais, de amizade, pois o brasileiro mistura os espaços da casa e da rua na interação social.

Acreditamos que as considerações apresentadas nesse trabalho colaboram para o estudo dos aspectos interacionais do português brasileiro. Entendemos que, para se alcançar competência comunicativa em uma língua, a análise dos aspectos sócio-interativos que nela estão inseridos se faz necessária. Conclui-se que o ato de negar em contextos interacionais no Brasil se configura uma ação comunicativa que requer estratégias sócio-linguísticas para se evitar um efeito indesejável na interação. Nesse caso, faz-se necessário que o educador, no contexto de ensino do português brasileiro para estrangeiros, aborde as questões envolvidas nos atos de negação no Brasil. Afinal, um simples “não”, por vezes, pode não ser tão simples assim.

Referências

- ALBUQUERQUE, A.F. S. **A construção dos atos de negar em entrevistas televisivas:** uma abordagem interdisciplinar do fenômeno em PLM com aplicabilidade em PLE. Tese de doutorado. Departamento de Letras: PUC-Rio, 2003.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness:** some universals in language use. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- FRASER, B. Conversation mitigation. **Journal of pragmatics** 4. p. 341-350, 1980.
- GOFFMAN, E. **Interaction ritual:** essays on face-to-face behavior. New York: Anchor Books Doubleday & Company, 1967.
- HALL, E. T. e HALL, M. R. Understanding cultural differences: Germans, French and Americans. In: **Key concepts: underlying structures of culture.** Yarmouth International Press, 1990.
- HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: Pride, J. B.; Holmes, J. (Eds.) **Sociolinguistics.** Baltimore, USA: Penguin Education, Penguin Books Ltd, 1972. p. 269-293.
- HOFSTEDE, G. Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. Disponível em: <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1014>. Acesso em: 29 jun. 2018.
- KRAMSCH, C. **Context and culture in language teaching.** Oxford: Oxford University Press, 1993. 297p.
- MARKUS, H. R. & KITAYAMA, S. Culture and the self: implication for cognition, emotion and motivation. In: **Psychological Review.** Volume 98, n2, American Psychological Association, 1991.
- DAMATTA, R. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- PEREIRA, M. G. D. Estratégias de manutenção do poder de uma ex-chefe em uma reunião empresarial: indiretividade e diretividade em atos de comando. In: **Linguagem e Gênero: no trabalho, na mídia e em outros contextos.** Florianópolis: Editora UFSC, 2006.
- PORTELLA, E. A crônica e a cidade. **Revista Brasileira.** Rio de Janeiro, Fase VIII, Ano III, n.78. p. 107-111. Janeiro-Março, 2014.
- VERISSIMO, L. F. **As mentiras que os homens contam.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- WERNECK, H. **Boa companhia:** crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 223p.

Submissão no site: agosto de 2018

Aceite: abril de 2020